

# A VIOLÊNCIA ESCOLAR E SUAS MANIFESTAÇÕES EM UMA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

## SCHOOL VIOLENCE AND THE MANIFESTATIONS IN A BASIC EDUCATION INTITUTION

Kawany Moreira Soares dos Santos\*  
Sélvia Taciana Josiana Maciel de Paula Silva\*\*  
Luciana Resende Allain\*\*\*

### RESUMO:

A violência escolar é um fenômeno multifacetado e a sua conceituação diverge de acordo com a perspectiva do pesquisador e do objeto de estudo. Além disso, a compreensão de sua manifestação no ambiente escolar também é diversa e requer estudos aprofundados para sua plena compreensão. Com base nisso, o presente trabalho teve como objetivo investigar como as diferentes naturezas da violência se manifestam na escola nas relações entre os alunos e entre os funcionários. A coleta dos dados se deu por meio de um questionário e relatos anônimos dos alunos, enquanto a análise se deu pelas premissas da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977). Ao longo do estudo, foi notória a presença da violência psicológica como principal forma de manifestação dentro do ambiente escolar e até casos de importunação sexual por parte de colaboradores e funcionários para com o/as aluno/as, evidenciando a negligência por parte dos gestores em cuidar do bem-estar dos estudantes.

**PALAVRAS-CHAVE:.** Violência escolar. Violência psicológica. Importunação sexual.

### ABSTRACT:

School violence is a multifaceted phenomenon and your conceptualization differs according to the perspective of the researcher and the object of study. In addition, the understanding of its manifestation in the school environment is also diverse and requires in-depth studies in order to be fully understood. Based on this, the aim of this study was to investigate how the different types of violence manifest themselves at school in relationships between students and staff. The data was collected using a questionnaire and anonymous reports from the students, while the analysis was based on the premises of Laurence Bardin's Content Analysis (1977). Throughout the study, the presence of psychological violence as the main form of manifestation within the school environment and even cases of sexual harassment by employees and staff towards students were notorious, highlighting the negligence on the part of managers in looking after the well-being of students.

**KEYWORDS:.** School violence. Psychological violence. Sexual harassment.

---

\*Residente do Programa de Residência Pedagógica - UFVJM. [kawany.moreira@ufvjm.edu.br](mailto:kawany.moreira@ufvjm.edu.br).

\*\* Professora da Educação Básica. [selvja.josiana@ufvjm.edu.br](mailto:selvja.josiana@ufvjm.edu.br).

\*\*\* Docente Orientadora do Programa de Residência Pedagógica - UFVJM. [luciana.allain@ufvjm.edu.br](mailto:luciana.allain@ufvjm.edu.br).

## Introdução

Sabe-se que a compreensão do conceito de “violência”, apesar de complexo e sujeito a alterações conforme a sociedade evolui cultural e socialmente, é bem estabelecido no contexto atual. Segundo o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS) de 2002, a violência se caracteriza pelo:

“Uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG *et al.*, 2002. p. 5)”.

Assim como o conceito amplo, a compreensão sobre os tipos de violência (violência auto-infligida, violência interpessoal e violência coletiva), bem como a natureza da mesma (física, sexual, psicológica e envolvendo privação ou negligência) são bem definidos pelo mesmo documento e adotados pelo poder judiciário para punição em caso de necessidade.

A narrativa de compreensão do conceito se altera quando pensamos no significado de violência escolar, visto que existe uma complexidade em classificar quais são os atos que se encaixam como violência e quais são os que não podem ser considerados como violentos. Estudos para o esclarecimento sobre violência escolar vêm sendo realizados ao longo dos anos, mas poucos são os avanços para a unificação do que se compreende como violência escolar devido às múltiplas faces as quais a violência se apresenta dentro da escola (STELKO-PEREIRA & WILLIAMS, 2010).

Tomando um conceito mais abrangente, os autores Priotto e Boneti (2009), consideram que violência escolar pode ser definida como a generalização de comportamentos agressivos e antissociais que se evidenciam das mais distintas formas, como por exemplo, conflitos interpessoais, discriminações, atos contra o patrimônio,

etc; e que são praticados por membros ativos da escola, como gestores, funcionários, professores e alunos, ou por agentes externos ao ambiente escolar, como familiares e pessoas estranhas à escola.

Já para as autoras Abramovay e Ruas (2002) o entendimento sobre violência no sistema educacional depende do olhar pelo qual se analisa as situações em questão. Como exemplo, as autoras citam pesquisas antigas que destacavam as punições e castigos corporais como atos de violência de professores contra alunos, enquanto em estudos atuais muito se fala sobre atos de violência entre os alunos, como práticas de *bullying*, ou de alunos contra a propriedade escolar, como práticas de vandalismo. Além do olhar do pesquisador, as autoras afirmam que a maior dificuldade em se definir a violência escolar se dá pela variação de como a violência é vista individualmente em cada instituição de ensino, pela idade, sexo e nível hierárquico de quem aponta a violência (coordenação administrativa, coordenação pedagógica, corpo docente, discente, etc).

Em contrapartida, Martins (2005) diz que para unificar o termo violência escolar, deveriam ser levadas em consideração apenas ações graves e repetidas de conduta antissocial, que causam danos contra outras pessoas e, as ações que pouco se repetem ou são pouco agressivas deveriam ser intituladas de outras formas, para facilitar a definição do termo e evitar conflito de compreensão.

Apesar das divergências de ideias acerca do que pode ser ou não considerado violência escolar, um ponto comum para todos os autores é que a relação entre os membros da comunidade escolar é o foco principal de compreensão do termo. Seja através de relações entre alunos, outros membros constituintes da instituição escolar ou familiares e agentes externos, os relacionamentos interpessoais se configuram como principal forma de propagação do que pouco se entende sobre violência escolar.

Entre os alunos é perceptível como atos violentos são cometidos a todo o instante, seja por meio da violência física, principalmente, ou verbal, as agressões estão sempre presentes nas relações entre os pares (NASCIMENTO & MENEZES, 2013). A violência entre os alunos, seja ela escancarada ou não, se caracteriza comumente como *bullying* e se manifesta de diversas formas, seja através de xingamentos, opressões, humilhações, indiferença para com o outro, e até confronto físico nos casos mais

extremos (NOGUEIRA, 2005). É uma prática violenta que se evidencia não só pelas agressões, mas também pela constância das ações e pela desigualdade de poder entre o/os agressor/agressores e a/as vítima/vítimas (FREIRE & SIMÃO & FERREIRA, 2006).

Apesar do destaque negativo de tal tema, o *bullying* é uma prática que se tornou alvo de diversas pesquisas ao longo dos anos. É um modelo de ações muito conhecido no ambiente escolar e uma das formas de violência mais retratadas em estudos das mais diversas naturezas e com os mais diversos objetivos, seja para compreender o estímulo que leva a tais práticas, ou para entender a compreensão dos alunos sobre o tema e como isso afeta a vida, tanto do agressor como da vítima (OLIVEIRA-MENEGOTTO & PASINI & LEVANDOWSKI, 2013).

No entanto, mesmo o tema citado sendo o principal vetor da violência escolar, os estudos deixam de lado investigações sobre outros tipos de violências que são tão comuns quanto o *bullying* e que merecem a mesma, senão mais atenção que tal prática, como por exemplo a violência cometida por funcionários das escolas (entende-se gestores, professores, coordenadores pedagógicos, colaboradores, etc.) para com os alunos (PEREIRA *et al.*, 2020)

Um estudo de revisão feito por Matos (2019) mostra que em uma análise de 130 artigos de uma base periódica que compreende diversas fontes de estudos, apenas 25 se relacionavam com o tema anteriormente citado, mostrando certa escassez de estudos aprofundados na área para compreender os estímulos por trás da violência sofrida por alunos por parte de membros integrantes das instituições de ensino.

Quando pensamos na violência entre os alunos, como já citado, é muito comum a visão de agressões físicas e xingamentos, visto que os agressores demonstram “poder” e “superioridade” dessa forma. Em contraste, quando pensamos nas agressões cometidas por funcionários aos alunos, é difícil imaginar um confronto físico propriamente dito, escancarado para quem quiser ver; a violência, nesse caso, pode se portar de formas mais “sutis”, mas que causam tanto impacto, senão mais, do que o contato físico (MATOS, 2019).

Como previsto no art. 5º da lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, do documento Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 2002), “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”. Portanto, fica assegurado, às crianças e adolescentes, justiça por meios legais em caso de qualquer situação, principalmente de violência, negligência e omissão, comportamentos muito frequentes dentro do ambiente escolar.

Dentre as quatro naturezas da violência estabelecidas pela OMS em seu Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (2002), a violência física é menos explícita no caso de funcionários a alunos, devido a ações mais perceptíveis como: deferir tapas com a mão no aluno, beliscar, forçar o aluno a sentar ou empurrá-lo. Já a violência sexual se destaca por toques indevidos, palavras de cunho sexual proferidas aos alunos ou brincadeiras e ações as quais o estudante não tem condição de consentir (MATOS, 2019).

Com relação à violência psicológica praticada por funcionários contra alunos, se destaca, principalmente, a humilhação e ridicularização com xingamentos e apelidos pejorativos que afetam a autoestima dos alunos, pela intimidação e manipulação, ou por comentários que invalidem a capacidade de aprendizado dos alunos. Além disso, ela pode aparecer também em situações de abuso de poder, principalmente do professor, quando o mesmo altera as notas injustamente (normalmente para notas mais baixas do que o aluno obteve nas atividades), negar acesso a necessidades básicas do ser humano, como a ida ao banheiro ou ao bebedouro, podendo prejudicar a saúde do aluno (MATOS, 2019).

Já as manifestações de violência por parte dos funcionários contra os alunos, em forma de negligência, se destacam quando lhe são negados aspectos básicos para seu pleno desenvolvimento, como por exemplo: suporte emocional que permita seu crescimento dentro do ambiente escolar, ou quando a instituição não é estruturada para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, a omissão, como principal ato de negligência, é algo muito corriqueiro e se destaca em situações em que os alunos recorrem a gestores, professores ou outros membros da comunidade escolar para

denunciarem casos de violência e suas palavras não são levadas em consideração. Também se configura como omissão quando os mesmos funcionários presenciam situações de violência, seja entre pares ou de colegas de trabalho para com os alunos, e optam por não tomar nenhuma atitude, se isentando da responsabilidade de cuidar e zelar pelo bem estar daquela criança ou adolescente (MATOS, 2019).

Esses tipos de ações, para o pesquisador Charlot (2002), se configuram como o fenômeno estudado e denominado por ele de violência *da* escola, onde os alunos são vítimas de uma violência institucional pela forma como são tratados pelos agentes constituintes da instituição de ensino, sejam por seus atos de negligência educacional (seleção dos integrantes das turmas, atribuição de notas, etc.) ou por omissão e isenção frente a denúncias e presenças de violência entre pares ou por colegas de trabalho.

Como resultado dessa violência, é inegável que a autoestima dos alunos seja afetada, prejudicando não só o desenvolvimento das relações interpessoais, mas o rendimento no ensino, a sensação de pertencimento e segurança dentro do ambiente escolar (MARRIEL *et al.*, 2006).

Portanto, partindo da ideia de que a violência escolar se manifesta frequentemente e ocorre tanto entre os alunos como entre funcionários para com os estudantes, o presente trabalho consistiu em uma pesquisa que teve como objetivo conhecer as manifestações de violência entre alunos do 9º ano dentro de uma escola de ensino fundamental de um município do interior de Minas Gerais.

## Metodologia

Para melhor compreensão, o tópico foi dividido em duas seções: a primeira diz respeito à metodologia de ensino desenvolvida com os alunos para a coleta dos dados e conscientização dos mesmos sobre o tema, enquanto a segunda seção diz respeito à metodologia de pesquisa propriamente dita.

### *Metodologia de ensino*

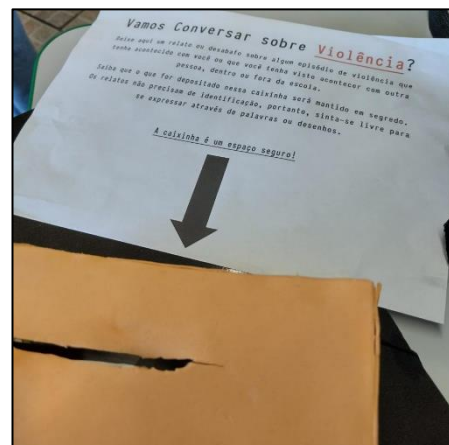
A motivação para abordar o tema e extrair dados para a pesquisa surgiu após inúmeras observações de cenários violentos entre os estudantes e entre funcionários

para com alunos durante o acompanhamento da escola-campo no âmbito do Projeto Residência Pedagógica – subprojeto Biologia, ao longo do processo de ambientação. A atividade consistiu na elaboração e implementação de uma sequência didática (SD) com três etapas, realizadas com oito turmas de 6º a 9º ano de uma escola de zona urbana de um município do Vale do Jequitinhonha, em Minas gerais, durante a última semana do mês de abril de 2023 e as três semanas iniciais do mês de maio de 2023, coincidindo com o marco do Dia Nacional de Combate ao Abuso e a Exploração Sexual Contra Crianças e Adolescentes (18 de maio).

A primeira etapa da SD consistiu na aplicação de um questionário individual e uma intervenção pedagógica, ambas realizadas na semana dos dias 24 a 28 de abril de 2023. O questionário foi um documento impresso semiestruturado com perguntas fechadas e abertas para serem respondidas de forma anônima e individual por todos os alunos da escola. O mesmo foi dividido em três seções de perguntas: a primeira de cunho pessoal para traçar o perfil dos alunos; a segunda de cunho investigativo para conhecer a relação dos alunos para com a escola; e a terceira também de cunho investigativo para compreender se existiam e quais eram as manifestações de violência no ambiente escolar.

Já a intervenção pedagógica contou com a implementação de uma caixa lacrada (figura 1) posicionada em pontos estratégicos dentro de todas as salas de aula da escola, onde os alunos podiam relatar toda e qualquer ação de violência sofrida, praticada ou presenciada, dentro ou fora do ambiente escolar e em qualquer etapa de sua vida. Foi sugerido aos alunos que não se identificassem nos relatos, apenas se sentissem necessidade, e a caixa foi retirada após uma semana, dando tempo para que os estudantes se familiarizassem com a ideia e se sentissem seguros para contar suas histórias.

**Figura 1 – Caixa de relatos anônima e cartaz de identificação**



Fonte: Própria autora.



A segunda etapa da SD ocorreu na semana dos dias 08 a 12 de maio de 2023 com a confecção de estudos de casos (EC), que se caracterizam por casos fictícios ou reais, que possuem objetivo de correlacionar os conteúdos curriculares aprendidos na teoria com a realidade dos alunos através de narrativas baseadas em dilemas importantes encontrados na sociedade e que necessitam de tomadas de decisões (FERNANDES & ALLAIN & DIAS, 2022). Os EC's foram baseados nos relatos deixados pelos alunos nas caixas e na semana dos dias 15 a 19 de maio de 2023 foi feita a leitura e discussão dos EC's com os alunos. Ao todo foram elaborados três EC's de acordo com os relatos dos estudantes: um sobre violência psicológica, trabalhado com os alunos do 6º ano; um sobre violência cibernética, trabalhado com os alunos do 7º ano; e um sobre violência sexual, trabalhado com as turmas de 8º e 9º ano. Foi feita uma leitura compartilhada e uma discussão crítica sobre os casos em que os alunos se sentiram confortáveis para compartilhar algumas experiências pessoais conforme se identificavam, de alguma forma, com a história fictícia e possíveis soluções a serem tomadas pelos personagens frente ao problema enfrentado por cada um.

A terceira etapa da SD ocorreu na semana dos dias 22 a 26 de maio de 2023 e consistiu em uma aula expositiva dialogada com os alunos sobre o conceito de violência, os tipos e natureza da violência, e divulgação de meios legais de denúncia e comunicação em caso de necessidade. Além disso, foram realizadas atividades de elaboração de cartazes informativos com a divulgação de canais de denúncia, feitos pelos alunos dos 6º anos e a produção textual para escrever um fim alternativo para o EC com os alunos do 9º ano.

### *Metodologia de pesquisa*

O estudo em questão refere-se a uma pesquisa de caráter qualitativo que compreende reflexões dos pesquisadores sobre o assunto de interesse e da escolha de métodos de análises que favoreçam a compreensão dos resultados obtidos em diálogo com os objetivos centrais do estudo (FLICK, 2004).

Os dados coletados como resultado da pesquisa serão analisados a partir da metodologia de Análise de Conteúdo (AC) de Laurence Bardin que, segundo a autora, consiste em:



Um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de forma e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (BARDIN, 1977. p 31).

Para a utilização desse método, seguiu-se as premissas de organização da autora que consistem em três etapas essenciais de organização, exploração e tratamento do material, todas explicadas a seguir:

- A) *Pré-análise:*** sendo a mais importante, a pré-análise consiste na organização prévia dos documentos a serem analisados. As etapas compreendem a visualização dos documentos através de uma leitura flutuante para a escolha e preparação dos materiais. Para essa pesquisa, portanto, inicialmente, fez-se uma revisão de todos os documentos obtidos durante a realização da SD (questionário individual, relatos anônimos, folhetos informativos e produções textuais) e decidiu-se que os objetos de estudo seriam os questionários individuais respondidos pelos alunos e os relatos anônimos coletados das caixas dispostas nas salas. Em um segundo momento, foi realizada uma leitura superficial dos documentos selecionados para conhecer o conjunto amostral de dados e identificar possíveis respostas incoerentes com o estudo.
- B) *Exploração do material – codificação:*** nessa etapa, a partir do pressuposto da necessidade de criação de categorias e de identificação de Unidades de Registro (UR) e Unidades de Contexto (UC), fez-se uma leitura mais detalhada dos documentos escolhidos para definição das mesmas. Para esse estudo, a UR, sendo o menor recorte semântico dos documentos, compreendeu as respostas dos alunos que relataram já terem sofrido algum tipo de violência de qualquer natureza, para visualização do problema em questão. Já a UC, como expressão mais elaborada para compreensão da UR, consistiu na análise das respostas do questionário e nos relatos dos alunos que sofreram violência exclusivamente dentro do ambiente escolar, a fim de compreender o fenômeno da violência escolar.
- C) *Tratamento dos resultados:*** consiste na categorização, descrição e interpretação dos dados. É nessa etapa que os resultados serão examinados e agrupados em

forma de categorias e subcategorias para compreensão do fenômeno em questão. Para esta pesquisa, as categoriais estabelecidas e subcategorias se encontram descritas no Quadro 1.

**Quadro 1 – Categorias e subcategorias analisadas a partir da AC de Bardin (1977)**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
Caracterização dos participantes	Idade e gênero
A natureza da violência	Violência Física Violência Psicológica Violência Sexual e por negligência

Fonte: própria autora.

## Resultados e discussão

Apesar da SD ter sido desenvolvida com oito turmas do Ensino Fundamental – Anos Finais, sendo dois 6º anos, dois 7º anos, um 8º ano e três 9º anos, a pesquisa levou em consideração os dados obtidos com as turmas de 9º ano, visto que a coleta de dados se mostrou mais eficiente e significativa com esses estudantes.

Portanto, foram consideradas 56 respostas de estudantes com o questionário individual impresso e distribuído aos alunos e 26 relatos anônimos retirados da caixa colocada em cada uma das três turmas analisadas, totalizando 82 documentos para análise.

### Caracterização dos participantes

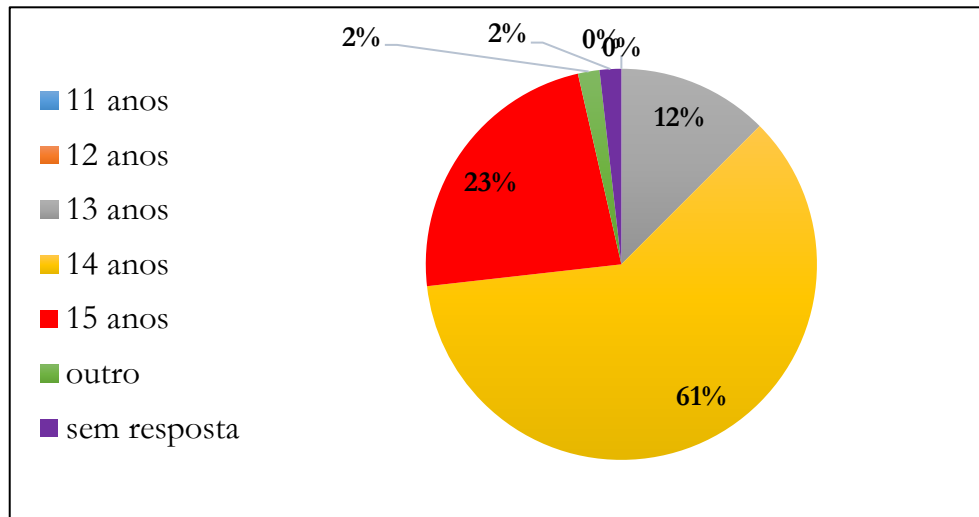
Para análise da presente categoria, utilizou-se dos dados coletados através das perguntas 2 e 3 da seção de “dados pessoais” do questionário respondido pelos alunos que dizia respeito, respectivamente, à idade e ao gênero dos participantes. Ao todo foram coletadas 56 respostas, como apresentado anteriormente.

#### *Idade e gênero*

Em análise, notou-se que, com relação à idade (gráfico 1), mais de 60% dos participantes (34 indivíduos) possuem 14 anos de idade, seguido de 23% (13 indivíduos) dos participantes com 15 anos e 12% (7 indivíduos) com 13 anos. Isso

mostra certa heterogeneidade etária na composição da população amostral dos estudantes, mesmo todos estando cursando o 9º ano do ensino fundamental.

**Gráfico 1 – Idade dos participantes**

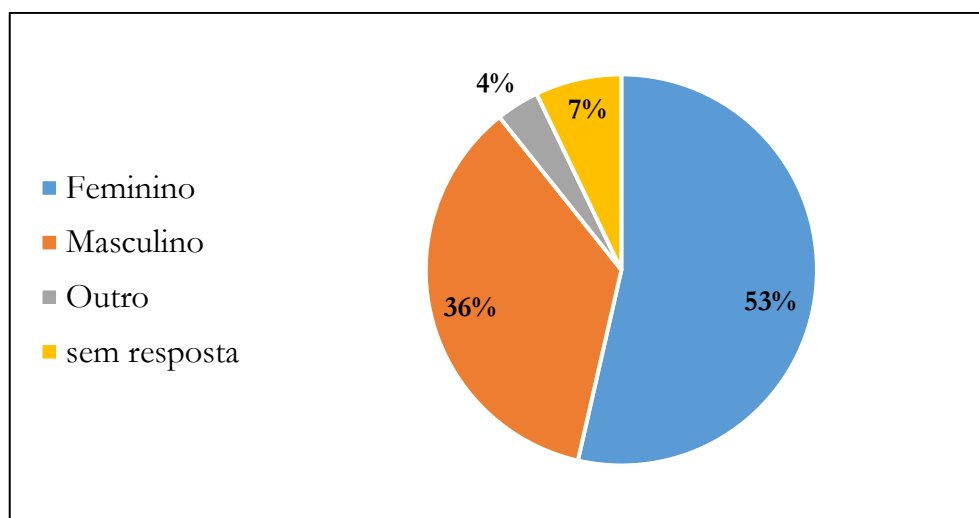


Fonte: própria autora.

Segundo o art. 2º da Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 do ECA (BRASIL, 2002), com base nas idades analisadas, nota-se que todos os estudantes são considerados adolescentes, portanto, lhes fica assegurado, ainda pelo mesmo documento, o direito a proteção, a saúde e a educação para seu pleno desenvolvimento.

Com relação ao gênero, dentre as respostas obtidas, 30 compreenderam a indivíduos do gênero feminino e 20 do gênero masculino, computando assim, mais de metade da amostra de estudantes compostas por mulheres (Gráfico 2).

**Gráfico 2 – Gênero dos participantes**



Fonte: própria autora.

A partir de tais dados, podemos notar a prevalência de indivíduos do gênero feminino no contexto de violência, evidenciando que mulheres são as principais vítimas de atos de violência. Um estudo realizado por Bernardino *et al.* (2016) mostrou que as mulheres são acometidas por diferentes tipos de violência e que existe variação da natureza em diferentes fases do desenvolvimento etário, no entanto, algo notado pelos autores, foi a prevalência da violência física e sexual contra esse grupo de indivíduos independente do ciclo de vida ao qual se encontram.

### A natureza da violência

Como apresentado no Relatório Mundial sobre Violência e Saúde da OMS (2002), a violência pode se expressar de quatro formas diferentes: **violência física**, que compreende agressões que causam danos físicos ao agredido e pode ser feita pelo uso da força física como tapas, beliscões, chutes, socos, etc., ou pelo uso de objetos; **violência psicológica**, que compreende agressões feitas através das palavras e que comprometem a saúde psicológica da vítima, como ameaças, humilhação, abuso de poder, etc; **violência sexual**, que compreende todo e qualquer ato onde não há o consentimento de ambas as partes envolvidas, por exemplo, assédio, violação, exposição a nudez, etc; **violência por privação ou negligência**, que compreende ações que privam o indivíduo a condições básicas para seu desenvolvimento, marcada pela constante relação de poder entre o agressor e a vítima.

Partindo disso, analisou-se as respostas obtidas nos questionários, principalmente no que diz respeito às perguntas 1, 7 e 8 da seção “sobre você”, e os relatos anônimos para caracterizar se existe e como cada uma dessas naturezas violentas se manifestam no ambiente escolar.

#### *Violência física*

Tendo como base principal a pergunta de número 1 da seção “sobre você” do questionário aplicado, é possível afirmar que a violência física existe na escola, principalmente entre os pares, mas, aparentemente não é algo recorrente. Ao longo da

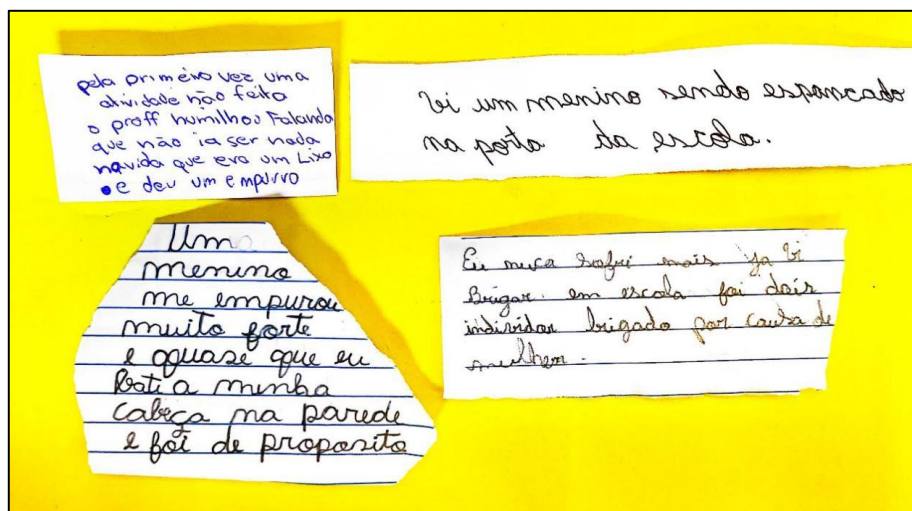
análise, foram percebidas poucas manifestações dos participantes na posição de vítima em casos de agressões físicas, apesar de atos como o de empurrar ou bater terem aparecido com certa frequência nas respostas compartilhadas pelas vítimas, principalmente pelas meninas, as quais marcaram mais vezes tais opções (figura 2). Em comparação, quando analisada a pergunta 8 da mesma seção e os relatos anônimos, houve algumas manifestações dos participantes que os colocam apenas como espectadores dos confrontos físicos ocorridos dentro e fora da instituição de ensino (figura 3).

**Figura 2 – Fragmentos dos questionários**

1. Você já foi vítima de alguma dessas situações por parte de colegas ou professores dentro e fora da escola?	
a) <input type="checkbox"/> Empurraram-me com violência	g) <input type="checkbox"/> Excluíram-me do grupo (não quiseram conviver comigo)
b) <input type="checkbox"/> Ameaçaram-me	h) <input type="checkbox"/> Pegaram minhas coisas (objetos pessoais, dinheiro...)
c) <input type="checkbox"/> Humilharam-me	i) <input type="checkbox"/> Estragaram meus objetos pessoais ou roupas, de propósito
d) <input checked="" type="checkbox"/> Bateram-me	j) <input type="checkbox"/> Tocaram-me contra a minha vontade
e) <input checked="" type="checkbox"/> Chamaram-me de nomes ofensivos	
f) <input type="checkbox"/> Disseram mentiras/rumores a meu respeito (disseram coisas ruins sobre mim e minha família)	
1. Você já foi vítima de alguma dessas situações por parte de colegas ou professores dentro e fora da escola?	
a) <input checked="" type="checkbox"/> Empurraram-me com violência	g) <input type="checkbox"/> Excluíram-me do grupo (não quiseram conviver comigo)
b) <input type="checkbox"/> Ameaçaram-me	h) <input type="checkbox"/> Pegaram minhas coisas (objetos pessoais, dinheiro...)
c) <input type="checkbox"/> Humilharam-me	i) <input type="checkbox"/> Estragaram meus objetos pessoais ou roupas, de propósito
d) <input checked="" type="checkbox"/> Bateram-me	j) <input type="checkbox"/> Tocaram-me contra a minha vontade
e) <input type="checkbox"/> Chamaram-me de nomes ofensivos	
f) <input type="checkbox"/> Disseram mentiras/rumores a meu respeito (disseram coisas ruins sobre mim e minha família)	

Fonte: própria autora.

**Figura 3 – Fragmentos dos relatos anônimos**



Fonte: própria autora.

Apesar dos baixos índices de tal expressão violenta, não é possível ignorar o fato de ela existir, especialmente tratando-se da idade dos participantes, visto que, nessa fase do desenvolvimento humano, aprendendo a lidar com as descargas hormonais e novos sentimentos aparecendo, os adolescentes tendem a descontar suas frustrações e excessos de raiva através de atos agressivos, seja contra o outro ou contra objetos (GUIMARÃES & PARSIAN, 2006).

### *Violência Psicológica*

Assim como a violência física, a psicológica se faz presente no ambiente escolar, com a diferença de que é muito mais evidenciada pelos alunos. Houve muitas manifestações de atos de humilhação, xingamentos, apelidos pejorativos, ameaça e opressão quando se analisou os dados apenas da pergunta de número 1 (figura 4), impedindo que a constatação dos agressores fosse feita de início.

**Figura 4 – Fragmentos dos questionários**

<b>1. Você já foi vítima de alguma dessas situações por parte de colegas ou professores dentro e fora da escola?</b>	
a) ( ) Empurraram-me com violência	g) ( ) Excluíram-me do grupo (não quiseram conviver comigo)
b) (•) Ameaçaram-me	h) ( ) Pegaram minhas coisas (objetos pessoais, dinheiro...)
c) (•) Humilharam-me	i) (•) Estragaram meus objetos pessoais ou roupas, de propósito
d) (•) Bateram-me	j) ( ) Tocaram-me contra a minha vontade
e) (•) Chamaram-me de nomes ofensivos	
f) (•) Disseram mentiras/rumores a meu respeito (disseram coisas ruins sobre mim e minha família)	
<b>1. Você já foi vítima de alguma dessas situações por parte de colegas ou professores dentro e fora da escola?</b>	
a) (X) Empurraram-me com violência	g) (X) Excluíram-me do grupo (não quiseram conviver comigo)
b) (X) Ameaçaram-me	h) (X) Pegaram minhas coisas (objetos pessoais, dinheiro...)
c) (X) Humilharam-me	i) (X) Estragaram meus objetos pessoais ou roupas, de propósito
d) (X) Bateram-me	j) ( ) Tocaram-me contra a minha vontade
e) (X) Chamaram-me de nomes ofensivos	
f) (X) Disseram mentiras/rumores a meu respeito (disseram coisas ruins sobre mim e minha família)	

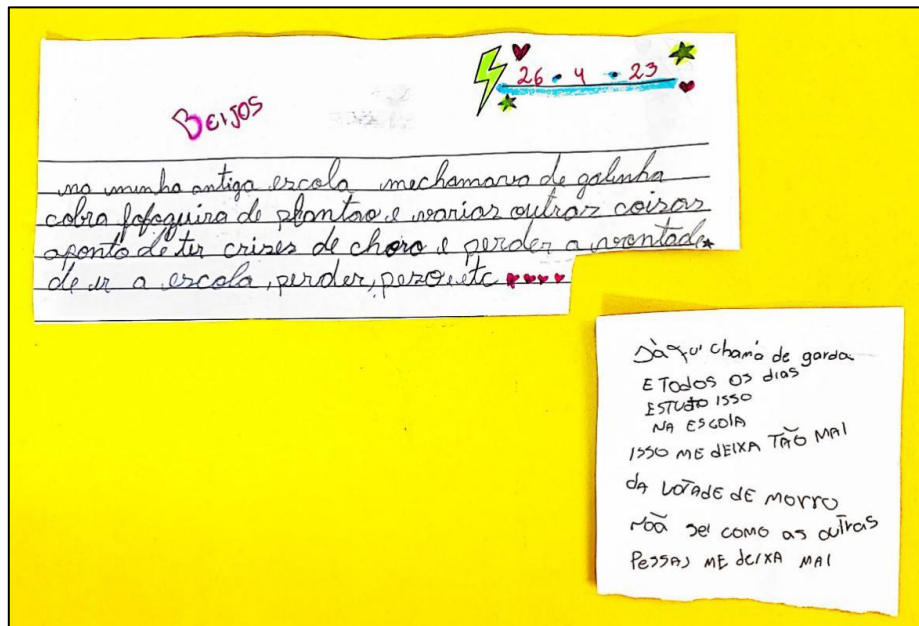
Fonte: própria autora.

No entanto, quando foram analisadas a pergunta 8 e os relatos, ficou evidente que esse tipo de violência ocorre com demasiada frequência e que os autores são de



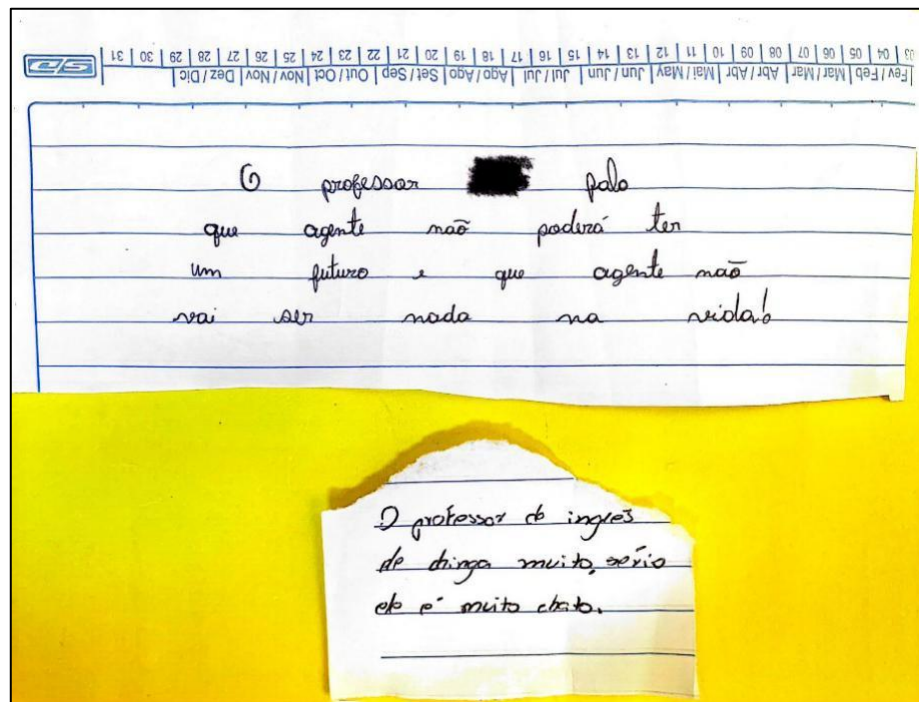
diferentes níveis hierárquicos, ou seja, ocorre tanto entre os pares (figuras 5), como de professores para com os alunos (figura 6).

Figura 5 – Relatos de experiências entre os pares



Fonte: própria autora.

Figura 6 – Relatos de experiências sobre professores



Fonte: própria autora.

Durante a análise, três pontos ficaram muito evidentes com relação aos atos que compreendem essa categoria. O primeiro deles é que os alunos não conseguem



perceber quando estão sendo vítimas de violência, principalmente quando a mesma parecer vir de colegas mais próximos, por exemplo, quando o aluno relata que *“as pessoas me chamam de bigode de código de barras por causa do bigode. mas eles falam de brincadeira e eu sei disso”*, ou quando a aluna relata que se sente mal com os empurrões, xingamentos e apelidos que recebe, mas sabe que é brincadeira (figura 7), fica explícito como eles não conseguem compreender que isso é um tipo de violência, principalmente quando dizem se sentir mal por receber tal apelido ou sofrer tais agressões.

**Figura 7 – Relato de aluna**

<p><b>7. Como você se sentiu quando isso aconteceu?</b></p> <p><i>As vezes nada por que sempre brincadeiras sem graça</i></p>
<p><b>8. Relate aqui alguma(as) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!</b></p> <p><i>brincadeiras de soco, tapa, beliscão etc.</i></p> <p><i>e xingos e muitas outras que não minha lembra.</i></p>

Fonte: própria autora.

A autora Vieira (2010) retrata sobre isso em seu estudo, denominando essa prática de apelidar alguém pejorativamente uma violência intitulada “simbólica” que, por muito tempo, passou despercebida pelos membros da comunidade escolar, mas que deveria receber, e vem recebendo, mais atenção devido aos inúmeros pontos preocupantes que circundam tal prática. Para a autora, o ato de apelidar um colega baseado em alguma característica física ou personalidade daquele indivíduo, quando feito na intenção de atingir a vítima, resulta em danos irreparáveis a ela, principalmente no que diz respeito à autoestima e ao comportamento do aluno.

É comum que, quando a ação é recorrente, o aluno passe a apresentar comportamentos os quais não tinha, como a falta de vontade de frequentar a escola, dificuldade em socializar com outras pessoas, sintomas de depressão e ansiedade, desinteresse por aprender e exclusão das relações sociais daquele ambiente, ações que

são prejudiciais não só para seu desenvolvimento escolar, mas para seu desenvolvimento como cidadão (VIEIRA, 2010).

Além disso, como citado, essas ações afetam muito a autoestima dos alunos, o segundo ponto observado durante a análise. Quando sofrem violência psicológica de qualquer tipo, os alunos tendem a apresentar comportamentos depreciativos e prejudiciais ao seu desenvolvimento, por exemplo, alunos com autoestima elevada costumam apresentar bom rendimento na escola e conseguem estabelecer uma relação prazerosa com a mesma, diferente do aluno com baixa autoestima e vítima de violência psicológica que se sente incapaz, invisível e lhe falta estímulo para se conectar com o ambiente educacional e com as pessoas ali presentes (ASSIS & AVANCI, 2004).

Na leitura dos documentos essa questão ficou bem evidente, principalmente nos relatos (figura 8) das meninas que se disseram incomodadas, chateadas, envergonhadas, frustradas e humilhadas frente às ofensas proferidas por outras meninas ou por meninos com relação a sua aparência ou traços de personalidade (ser extrovertida/introvertida, etc).

**Figura 8 – relatos de alunas**

Magoadas, e com muita raiva e insigera!

8. Relate aqui alguma(as) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!

Me bateram dentro da sala de aula apertaram o meu pulso, fizeram pressão psicológica e imitaram coisas não quero falar tudo aqui.

7. Como você se sentiu quando isso aconteceu?

eu senti muito mal, e fiquei triste

8. Relate aqui alguma(as) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!

Quando me chamaram de feia (fiquei muito triste)

Quando me humilharam etc.

Fonte: própria autora.

O terceiro e último ponto observado durante a leitura foi a relação intrínseca entre a violência psicológica e a física e como elas estão interligadas de alguma forma. Alguns relatos dos estudantes apontam que os xingamentos e importunações sempre vem seguidos de algum tipo de contato físico, seja um empurrão, um tapa, um chute, um beliscão ou o ato de bater com alguma coisa (figura 9).

**Figura 9 – relatos de violência física e psicológica**

<p>8. Relate aqui alguma(as) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!</p> <p><i>quando o menino me chama de malado e eu criti com ele fll me deu uma murchada na cabe...</i></p>
<p>8. Relate aqui alguma(as) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!</p> <p><i>Bulim, mentiras, nomes insultantes, empurrões, agresses físicas e verbal</i></p>
<p>8. Relate aqui alguma(as) situação(ões) que aconteceu com você ou que você presenciou que te incomodaram e você classifica como ato de violência. Sinta-se à vontade para usar outra folha... esse é um espaço seguro!</p> <p><i>Falaram da minha família, me ameaçou, seguiu água em mim e da me empurrou contra a parede.</i></p>

Fonte: própria autora.

Essas narrativas reforçam a ideia de Freire, Simão e Ferreira (2006) sobre a demonstração de poder do agressor através da pressão psicológica e da necessidade da utilização da força física para estabelecer uma relação de superioridade e de garantir que o agredido se sinta amedrontado a todo o instante.

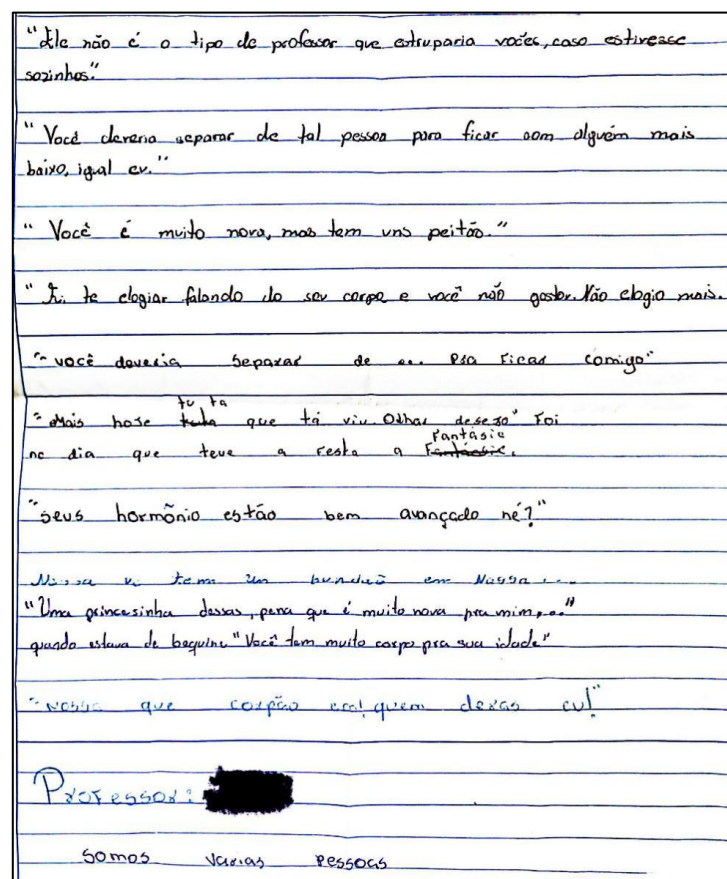
Nesse sentido, posso afirmar que a violência psicológica é uma prática muito presente na escola e não acontece apenas entre os alunos ou isolada de outros tipos de violência, ela sempre vem acompanhada de ações que causam algum outro tipo de dano na vítima que não só o psicológico. Além disso, nota-se que os alunos têm muita dificuldade em distinguir esse tipo de violência e costumam ver tais ações como brincadeiras bobas e sem graça, principalmente os apelidos pejorativos que aparecem como ações descontraídas, mas que, a partir do momento que não agradam quem os

recebem, são configurados como atos violentos e devem ser rebatidos antes que se tornem ações mais sérias e causem mais prejuízos.

### *Violência sexual e por negligência*

Foi percebida, principalmente através dos relatos anônimos, a ocorrência com certa frequência dessas práticas e houve grande destaque para narrativas nas quais os agressores se tratavam de funcionários da instituição. Como visto nas figuras 10, 11 e 12, os detalhamentos de toques indevidos, comentários e olhares maliciosos, fotografias sem autorização e outras ações que configuram a violência sexual não são eventos isolados e as vítimas independem do gênero, mesmo a maioria sendo de estudantes que se identificaram com o gênero feminino, alguns meninos também descreveram situações de assédio vindo de funcionários. Os resultados observados são alarmantes e despertam revolta, principalmente por se tratar de adolescentes, longe da maioridade, no lugar de vítimas, e agressores muito mais velhos e hierarquicamente superiores dentro de um ambiente que deveria ser seguro e acolhedor como a escola.

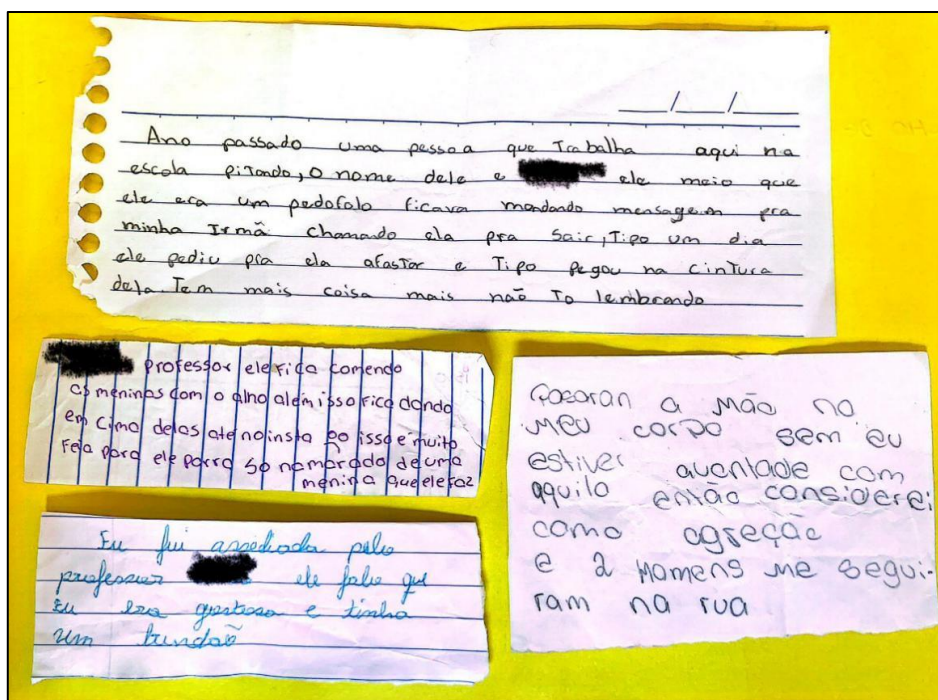
**Figura 10 – Compilado de frases escutadas pelos estudantes**



Fonte: própria autora.

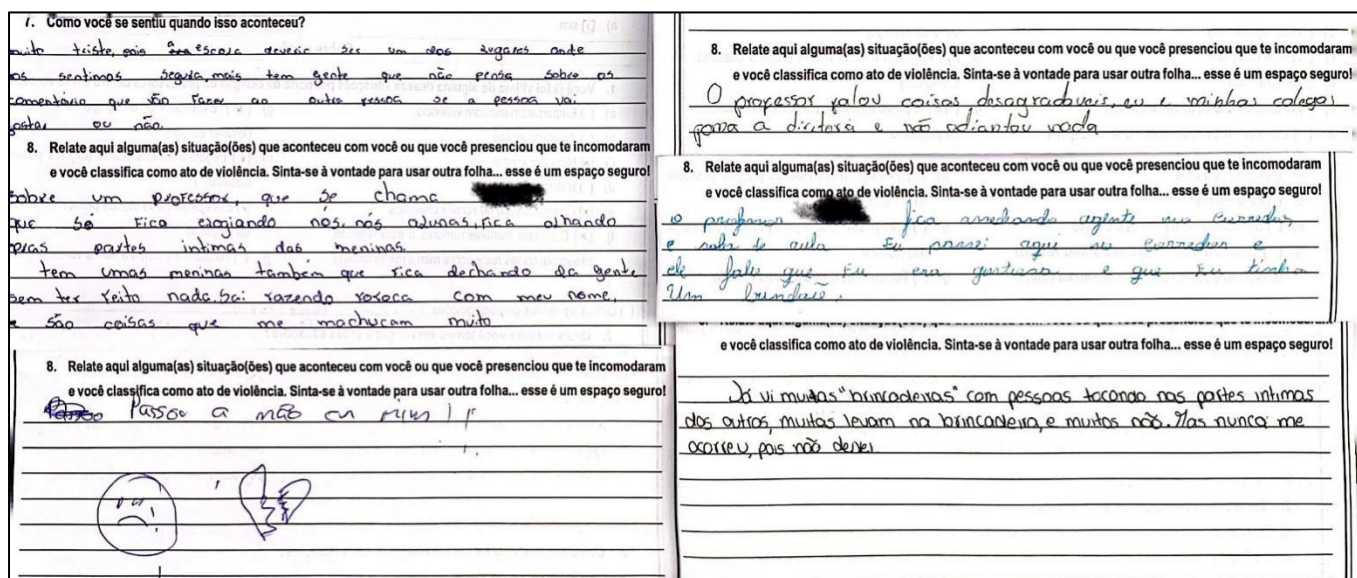


Figura 11 – Relatos dos estudantes



Fonte: própria autora.

Figura 12 – Relatos anônimos dos estudantes



Fonte: própria autora.

Além das alegações de assédio, algo muito relatado foram as tentativas de notificação dos ocorridos para gestores da instituição e o descaso dos mesmos para com as queixas dos estudantes, refletindo como a omissão é uma prática muito presente na escola, principalmente em atos em que o agressor vem a ser um colega de trabalho. Atitudes como essa, de importunação sexual, se configuram como violação dos direitos

do indivíduo e são passíveis de punição legal, tanto para o agressor, quanto para quem sabe e omite; no entanto é notório que falta aos alunos uma rede de apoio, que ofereça segurança para denúncia de casos como os apresentados (VAGLIATI, 2014).

Na literatura, muito se fala sobre violência dessa natureza sendo cometida por familiares ou pessoas próximas e que os traumas refletem no rendimento escolar, mas, nesse caso, pouco são os estudos onde o agressor é um membro da comunidade escolar. Normalmente, são professores os primeiros a notar as mudanças de comportamento de um estudante frente a algum tipo de incômodo, no entanto como o estudante deve se portar quando o agressor é alguém do ciclo de convívio? Observando os relatos, fica claro que, por ter uma posição de poder, os outros membros do corpo docente se isentam da responsabilidade de prestar queixas contra ele e dar devido suporte as vítimas.

A violência por negligência, nesse caso, se revela principalmente no ato de gestores e outros colaboradores da escola negarem auxílio aos estudantes e tomarem providências frente a situações explícitas de abuso. Os alunos desenvolvem não só o trauma pelo ocorrido, mas se tornam suscetíveis a expressarem outros distúrbios humorais que influenciaram diretamente na forma como eles se desenvolvem na escola, como eles se portam perante a sociedade e como eles se relacionam com outras pessoas (VAGLIATI, 2014).

---

## Considerações finais

A ideia central da pesquisa era compreender se e como as manifestações de violência se mostravam no ambiente escolar e, após análise, ficou claro que as agressões, de qualquer natureza, estão enraizadas na escola analisada escolar, perpetuando práticas não saudáveis de interação social em um ambiente de ensino que deveria promover exatamente o contrário, o desenvolvimento humanizado dos estudantes e o crescimento positivo dos mesmos.

De fato, o denominado *bullying*, se evidencia regularmente; no entanto, divergindo da ideia de Nascimento e Menezes (2013) de que a violência física é a mais

presente e reconhecendo a linha de pensamento de Nogueira (2005), pode-se dizer que a opressão, os xingamentos, a indiferença e as humilhações são as práticas violentas mais recorrentes entre os pares, configurando certa prevalência da violência psicológica em detrimento da violência física ou sexual entre os alunos. Mesmo assim, não se isenta a presença de situações de confronto físico ou de assédio entre os alunos, afinal, ficou evidente que ambas acontecem com uma frequência considerável, mas em casos mais extremos e muito específicos.

A mudança de cenário é dramática quando pensamos na violência cometida por funcionários contra os alunos, aqui denominada de violência institucional ou violência *da* escola, visto que houve maiores queixas de abusos sexuais e relatos de assédio por parte dos alunos, nos quais os autores eram professores da própria instituição. E a negligência, nesse caso em especial, ocorreu principalmente por parte da gestão, mas não no sentido previsto pela OMS de negar condições que são básicas ao ser humano, e sim pela omissão frente aos atos de violência e importunação sexual cometidos a aluna/s menores de idade, dentro da escola, por colegas de trabalho.

Essa negligência e omissão por parte da gestão educacional revela-se preocupante por e normalizar práticas de abuso contra crianças e adolescentes, tratando as denúncias dos estudantes sobre o assédio vividos por ela/es como um “simples mal-entendido” ou “má interpretação de atos de carinho” das vítimas, depositando sobre elas toda a culpa pelos ocorridos (MOREIRA, 2016).

Ademais, foi possível perceber, também, que os estudantes, principalmente dos anos finais do ensino fundamental, alvos da pesquisa, não são devidamente preparados para reconhecer situações de violência, sempre enxergando as manifestações agressivas como brincadeiras de mau gosto, além de não saber a quem recorrer quando se sentem desconfortáveis com ações praticadas por alunos, professores ou gestores. Isso evidencia, por um lado, o despreparo das escolas em abordar essas questões e por outro, a necessidade urgente de dar condições aos estudantes de identificar situações violentas e se proteger delas, agindo ou denunciando-as nos canais adequados.



## Referências

- ABRAMOVAY, M.; RUAS, M. G.. **Violences in schools**. Brasília: Pitágoras, 2002. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lis-LISBR1.1-16766>. Acesso em: 07 out. 2023.
- ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q.. **Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e adolescência**. Editora Fiocruz, 2004. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/vdywc>. Acesso em: 10 out. 2023.
- BARDIN, L.. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod\\_resource/content/1/BARDIN\\_L\\_1977\\_Analise\\_de\\_conteudo\\_Lisboa\\_edicoes\\_70\\_225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod_resource/content/1/BARDIN_L_1977_Analise_de_conteudo_Lisboa_edicoes_70_225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf). Acesso em: 09 out. 2023.
- BERNARDINO, Í. M. *et al.* Violência contra mulheres em diferentes estágios do ciclo de vida no Brasil: um estudo exploratório. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 19, p. 740-752, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/GLBjHWKRNKcwCB8DjqBv6rL/>. Acesso em: 16 out. 2023.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/eca-2023.pdf>. Acesso em: 07 out. 2023.
- CHARLOT, B.. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/fDDGcftS4kF3Y6jfxZt5M5K/?lang=pt&format=html#>. Acesso em: 07 out. 2023.
- FERNANDES, G. W. R.; ALLAIN, L. R.; DIAS, I. R.. O Estudo de Casos ou Casos de Ensino em Ciências. In: FERNANDES, G. W. R.; ALLAIN, L. R.; DIAS, I. R.. **Metodologias e Abordagens Diferenciadas em Ensino de Ciências**. São Paulo: Livraria da Física, 2022. Cap. 11. p. 253-269.
- FLICK, U.. Pesquisa qualitativa e quantitativa. In: FLICK, Wue. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. p. 272.
- FREIRE, I. P.; SIMÃO, A. M. V.; FERREIRA, A. S.. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico-um questionário aferido para a população escolar portuguesa. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 19, n. 2, p. 157-183, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37419208.pdf>. Acesso em: 07 out. 2023.
- GUIMARÃES, N. M.; PASIAN, S. R.. Agressividade na adolescência: experiência e expressão da raiva. **Psicologia em Estudo**, v. 11, p. 89-97, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/cJmcCKpmsgd5NpdFthjNwys/?lang=pt>. Acesso em: 09 out. 2023.
- MARRIEL, L. C. *et al.* Violência escolar e auto-estima de adolescentes. **Cadernos de pesquisa**, v. 36, p. 35-50, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/94qjXzFpMZqQFF3Jv9mpyKm/?lang=pt>. Acesso em: 07 out. 2023.
- MARTINS, M. J. D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 18, n. 1, p. 93-115, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37418106.pdf>. Acesso em: 07 out. 2023.
- MATOS, K. J. N.. *Violência impetrada por professores e funcionários das escolas públicas a estudantes*. 2019. 85 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://www.uece.br/ppgcc/wp-content/uploads/sites/37/2019/12/KARLA-JULIANNE-NEGREIROS-DE-MATOS.pdf>. Acesso em: 07 out. 2023.
- MOREIRA, F. M.. Violência de gênero na escola: abuso/assédio sexual e relações de poder. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/173809>. Acesso em: 11 out. 2023.
- NASCIMENTO, A. M. T.; MENEZES, J. A.. Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, p. 142-151, 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/zQsHtg63hbg6WQQhF67mKGt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 out. 2023.

NOGUEIRA, R. M. C. del P. A.. A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. **Revista iberoamericana de educación**, v. 37, n. 1, p. 93-102, 2005. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/853>. Acesso em: 07 out. 2023.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M.; PASINI, A. I.; LEVANDOWSKI, G.. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Revista Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 2, p. 203-215, 2013. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/5070>. Acesso em: 07 out. 2023.

KRUG, E. G.. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002. Disponível em: <https://opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude-1.pdf>. Acesso em: 07 out. 2023.

PEREIRA, A. C. S. *et al.* Vitimização de funcionários a alunos: violência explícita, disfarçada por práticas escolares e negligência. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. e182996757-e182996757, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6757>. Acesso em: 07 out. 2023.

PRIOTTO, E. P.; BONETTI, L. W.. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. **Rev. Diálogo Educ**, p. 161-179, 2009. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-416x2009000100012&script=sci\\_abstract&tlng=fr](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-416x2009000100012&script=sci_abstract&tlng=fr). Acesso em: 07 out. 2023.

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A.. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas em psicologia**, v. 18, n. 1, p. 45-55, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751435005.pdf>. Acesso em: 07 out. 2023.

VAGLIATI, A. C. *et al.* Gritos do silêncio: o professor frente à violência sexual contra crianças e adolescentes no espaço escolar. 2014. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/961>. Acesso em: 11 out. 2023.

VIEIRA, M. E. S. S. *et al.* Violência simbólica: apelido pejorativo. 2010. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/13418>. Acesso em: 10 out. 2023.